

A função da escrita do analista na composição de um estilo ou Para que escrevem os analistas?¹

Luciana Pena Vila Lima de Menezes²

Pode um analista em sua formação prescindir da atividade da escrita em seu sentido mais literal? Talvez a pergunta anterior a essa seja por que nós humanos escrevemos? Qual a finalidade dessa prática?

A escrita é, sem dúvida, em alguma medida, uma prática representativa. Escrevemos para dar alguma forma aos sentimentos, pensamentos, emoções. Também podemos escrever com o objetivo de expressar melhor o que estamos querendo dizer. Na medida em que a escrita é uma representação, também podemos pensar que escrevemos para inventar uma realidade, já que a experiência vivida não pode, em sua totalidade, ser representada. Quando pensamos a escrita assim, escrevemos para fundar algum registro da experiência.

Nesse exercício, a escrita pode fazer nó: alguma elaboração acerca do que se viveu pode acontecer. Letras também podem aparecer. Assim podemos pensar na prática da escrita como algum contorno, alguma imagem, algum recorte do real da experiência.

Em Psicanálise, sempre que o assunto é a escrita, vemos, com certa frequência, a conceituação dela em contraponto ao escrito, colocando o escrito num nível hierárquico mais elevado do que a escrita, mas é importante lembrar que um escrito não pode surgir sem passar pela prática da escrita, ela é condição, suporte para veiculá-lo. Pensando desse modo, poderíamos concluir sobre a obviedade absoluta da importância de se escrever em psicanálise.

1 Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?*, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. Grupo de trabalho «Estilo em Psicanálise»: Ruth Ferreira Bastos-ELPV, Darlene Gaudio A. Tronquoy-ELPV, Inezinha Brandão Lied-Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica, Luciana Vila Lima de Menezes-ELPV, Luíza Bradley-Intersecção Psicanalítica do Brasil.

2 Luciana Pena Vila Lima de Menezes, Psicanalista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória, Espírito Santo, Brasil. Doutora em Letras com pesquisa em Literatura e Psicanálise.

Ainda assim, ao falarmos aqui de escrita, poderíamos defender que isso não precisaria ser feito, necessariamente, de maneira literal, já que ao falarmos em análise, também escrevemos (ditos). Isso seria o suficiente?

Essa questão antiga – a importância de se escrever em psicanálise – retorna para mim novamente no momento em que assumo a secretaria de publicação de minha Escola e recolho alguns elementos importantes para pensar se podemos prescindir desse ato em nosso percurso.

Repetimos que a formação de um analista se sustenta em três pilares: análise pessoal, supervisão e teorização do percurso. Saber desses pilares não nos isenta de praticá-los. E, por isso mesmo, gostaria de me deter no terceiro pilar de nossa formação: a teorização em psicanálise. O que significa dizer que um analista em sua formação deve teorizar o seu percurso? Isso se restringiria ao estudo da psicanálise, leitura de textos, frequência em atividades da escola – e fora dela –, elaborações orais em cartel?

Teorizar a psicanálise tem a ver com a impressão de algo garimpado no percurso singular em associação aos significantes lacanianos. Esse exercício requer um esforço que passa pela escrita, registro imaginário da palavra.

É no *Seminário XXI* que Lacan estabelece as três dimensões – três moradas – do dito: Real, Simbólico e Imaginário, no qual dirá, resgatando a importância do Imaginário, que a palavra faz imagem, ela estanca a significação que tenderia ao infinito, ela faz borda, contorno.

No *Seminário XX* ele constata, igualmente, que: “se não houvesse discurso analítico, vocês continuariam a falar como papagaios, a cantar o disc-cursocorrente, a fazer girar esse disco, esse disco que gira porque não há relação sexual”. Em outras palavras, se o encontro é sempre falho, isso abre a possibilidade para um deslizamento infinito do significante. O que no discurso analítico faria parar o disco?

Lacan nos dá alguma pista acerca disso ao trabalhar a faceta imaginária da palavra: “a palavra é mi-métrica, ela é do Imaginário, é preciso parar em algum lugar” (LACAN, 1973). Assim, a dimensão imaginária da palavra favoreceria, de acordo com Lacan, esse estancamento produzindo uma imagem, uma borda, um limite. Algo que, elidido na enunciação, oral encontraria visibilidade na escrita, atestando que esse algo que já estava lá pode aparecer nessa operação. A letra se presentifica no exercício da escrita, ela passa por esse registro, necessariamente.

Nesse resgate do Imaginário, realizado por Lacan, é curioso como ele coloca as três dimensões do dito no mesmo grau de importância. O Imaginário, teria a tarefa de dar suporte ao Real, é somente através de alguma imaginarização que poderemos suportar o Real, sem isso, nada feito!

Em "Lituraterra", ao tratar da escrita japonesa, Lacan faz uma metáfora sobre o gesto da escrita no qual o modo como cada um executa sua caligrafia torna evidente a singularidade de um fazer. Essa ideia se adensa quando ele oferta o exemplo dos kakémono: "essas coisas que pendem". Ele dirá que na escrita cursiva "o singular esmaga o universal".

A escrita cursiva, de acordo com Lacan (2023, p. 21), acrescenta uma dimensão pela qual se evocaria do sujeito o que chamará de *Hum-En-plus* (o *um a mais*). Na nota de rodapé há uma indicação importante sobre o "h" mudo utilizado por Lacan em diversas de suas criações, conforme, por exemplo, *hénade*, que remete ao "hen" e ao mesmo tempo presentifica o vazio através da letra não pronunciada.

Interessa-me aqui esse fato apresentado por Lacan de que é somente ao escrever a letra H de *hum*, por exemplo, elidida na fala, que ela pode aparecer. A escrita assim, suporte imaginário da palavra, contribuiria para fazer aparecer a letra.

Na sequência dessa constatação ele afirma "*Litura* pura é o literal. Produzi-la é reproduzir essa metade ímpar com que o sujeito subsiste. Essa é a feitura da caligrafia" (p. 21).

Diante disso, me parece crucial afirmar a escrita em psicanálise não só a que se faz no que se diz, mas aquela onde a letra pode não só ser registrada, mas aparecer.

Charles Higounet, historiador da escrita, chega a afirmar que "a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade" (2003, p. 9). Pensando com ele: o que na psicanálise poderia ser realizado e retirado do estado de possibilidade a partir da escrita? A letra?

A propósito do texto, Barthes dirá:

Se você mete um prego na madeira, a madeira resiste diferentemente conforme o lugar em que é atacada: diz-se que a madeira não é isotrópico. O texto tampouco é isotrópico: as margens, a fenda, são imprevisíveis. Do mesmo modo que a física (atual) precisa ajustar-se ao caráter não-isotrópico de certos meios, de certos universos, assim é necessário que a análise estrutural (a semiologia) reconheça as menores resistências do texto, o desenho irregular (BARTHES, 2008, p.p. 45 e 46).

Isso me faz pensar que ler um texto, toda a obra de Lacan ou ler a si mesmo pode se configurar como um exercício crucial para o encontro dessas referidas margens, fendas, isotropias, mas esse exercício não garante o talhe da mesma no qual a figura lá contida poderia aparecer. É preciso um gesto outro para fazer aparecer o que lá estava, trabalhar nesse sentido de realizar aquilo que era apenas estado de possibilidade. Escrever a letra/pena (lapso de escrita). Deixá-la aparecer.

A pena, sobrenome materno, que retorna num lapso de escrita nesse texto, foi por mim abreviada durante um longo tempo de minha vida. A palavra pena ressoava em mim como um penar, um sofrimento do qual eu queria me livrar, traço advindo de minha linhagem materna. Eu assinava meu nome abreviando essa "herança" Luciana P. Somente no exercício de minha análise pessoal, ao tratar do meu nome próprio, pude escutar que pena também era um nome para caneta. Eu tinha uma ferramenta! Passo então a grafar, a partir dessa resignificação ocorrida nos ditos da análise, meu sobrenome materno com orgulho. A fixação no penar cede lugar à possibilidade de escrita: escreva com *a sua pena*, é tempo de invenção!

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.

LACAN, Jacques. "Lituraterra". In: *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *O seminário livro 20: mais ainda*. Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *O seminário livro 21: Les non-dupes errent, 1973-1974*. Seminário traduzido para fins de circulação interna apenas elaborado pela Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória.